

LITERATURA E POLÍTICA NA REVOLUÇÃO MEXICANA: a visão crítica de Mariano Azuela

Warley Alves Gomes
Graduando em História – UFMG

RESUMO: A Revolução Mexicana foi um marco na história do país e teve desdobramentos por todo o século XX. O intenso caráter popular manifestado em diversos conflitos abriu um espaço para as classes populares, até então à margem da vida política mexicana. O elemento popular, mesmo não sendo plenamente atendido, não pode mais ser ignorado. As artes e a literatura exerceram um papel importante na reflexão sobre a Revolução Mexicana, atuando muitas vezes de forma crítica. Neste artigo pretendo analisar a visão crítica de Mariano Azuela, conhecido escritor mexicano, a respeito da Revolução, mostrando como seu posicionamento político influenciou sua escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Mexicana, Mariano Azuela, literatura mexicana.

ABSTRACT: The Mexican Revolution was a milestone in the history of the country and had implications all over the 20th Century. The intense popular character expressed on many conflicts opened space for the popular classes who were on the margin of the Mexican political life even. Even not being fully attended, the popular element couldn't have been ignored any more. Art and the literature had an important role in the debate about the Mexican Revolution, acting many times in critical way many times. In this article I intent to analyze the famous Mexican writer Mariano Azuela' s critical view on the Revolution, and to show how his political position influenced his writing.

KEY-WORDS: Mexican Revolution, Mariano Azuela, mexican literatura.

Em 2010 se comemoram cem anos do início da Revolução Mexicana, marcada por diversos levantes populares durante toda a década de 1910. Naqueles tempos uma população bastante insatisfeita com o governo do ditador Porfírio Díaz se levantou contra as

várias formas de injustiça que vinham sendo feitas, tanto em âmbito social – como a questão agrária, as péssimas condições dos trabalhadores mexicanos se comparada aos estadunidenses que trabalhavam no México – como político – a censura na imprensa, a falta de eleições livres, os abusos de poder de Porfírio Díaz.

A Revolução abalou as estruturas daquele velho México, e marcou profundamente a história do país ao longo de todo o século XX. De fato, apesar de não ter resolvido os vários problemas da sociedade mexicana, a Revolução possibilitou ao México mudanças significativas, fez o país olhar para dentro de si, para seu povo. Ela levou à superfície as feridas de um país que excluía os indígenas, marginalizava seus camponeses, explorava seus operários. Se estes problemas não foram plenamente solucionados, não havia dúvidas que a partir de então eles não podiam mais ser deixados de lado da pauta política. A Constituição de 1917 talvez tenha sido o primeiro resultado da Revolução, colocando na ordem do dia muitas das questões levantadas pelos combatentes, como a jornada de 8 horas de trabalho, o direito à greve e a reforma agrária.

Quando olhamos para o atual estado da política mexicana, resta-nos a pergunta: o que ficou? O país parece ir na direção contrária daquilo que foi a Revolução, sendo os direitos conquistados agora perseguidos - como é o caso dos *ejidos* zapatistas - e a autonomia frente ao seu grande vizinho do norte – os Estados Unidos – cada vez mais ameaçada. A postura política e econômica em direção ao neoliberalismo vem colocando em xeque as várias conquistas do povo mexicano e indo no sentido contrário também à atitude tomada por diversos países na América-Latina - que sofreram conseqüências sérias decorrentes da adoção deste regime econômico nas últimas décadas, que preza por uma menor participação do Estado em setores essenciais da sociedade, como a saúde, a educação e a economia.

Nossa intenção neste artigo não é a de fazer uma análise do atual estado da política e economia mexicana, mas antes, o de mostrar os problemas e questões intrínsecos à Revolução em seus anos iniciais. Esta é a chave para refletirmos não só sobre o que vem ocorrendo nos últimos anos, mas sobre o que se mostrava contraditório desde os primeiros momentos da Revolução, que depois se consolidou na política mexicana a partir dos anos 1920. Para isso não analisaremos conjunturas econômicas ou políticas a partir de documentos tradicionais, mas nos voltaremos para a literatura, fonte crítica inestimável para compreendermos os caminhos e desvios da Revolução Mexicana.

No presente texto, pretendemos analisar algumas idéias e posicionamentos do escritor mexicano Mariano Azuela¹, buscando evidenciar a relação deste autor com o contexto histórico no qual escreveu. Acreditamos que, ao pensarmos a produção de um indivíduo específico, não podemos de maneira alguma deixar de levar em consideração os eventos que este indivíduo vivenciou, o contexto ideológico no qual este intelectual produziu, os autores que mais o influenciaram, e também as expectativas que se encontravam presentes no tempo no qual viveu. Ao longo do texto abordaremos as perspectivas políticas de Mariano Azuela, conectando-as ao contexto político-social vigente no México no início do século XX. Também pretendemos analisar a atuação do escritor mexicano através de um ângulo mais amplo, considerando que ele produziu a partir de um determinado lugar, ou seja, a América Latina, e vivenciou experiências semelhantes às de muitos outros escritores de sua época e de seu continente. Nossa intenção aqui não é a de apresentar a América Latina como um espaço homogeneizado, muito pelo contrário, a entendemos como um lugar marcado por evidentes diversidades e contradições - como nos mostra Rouquié (ROUQUIÉ, 1992) -, mas, também, um espaço no qual os diversos países nele inseridos partilham situações semelhantes, que perpassam desde aspectos mais imediatos e concretos, como, por exemplo, a situação de dependência econômica em relação aos países desenvolvidos e sua integração na modernidade, até questões mais abstratas, identitárias, como um lugar que constrói seu pensamento e sua formação não só a partir de suas realidades, mas também através de um olhar para a Europa e para os Estados Unidos, suas principais referências.

Um aspecto importante a ser considerado é a peculiaridade de algumas fontes usadas nesse trabalho. Ao estudar um romancista, é essencial que nos voltemos para suas obras literárias. Muitos romances acabam nos revelando os posicionamentos de um determinado autor sobre suas experiências vividas ou sobre fatos que presenciou, mesmo sem ter atuado de maneira direta, constituindo assim, para o historiador, uma relevante fonte sobre um evento ou fato do passado. Os romances, como veremos mais adiante, embora apresentem uma certa verossimilhança, esta não se articula a partir da mesma lógica contida em uma análise histórica. Na ficção, na imensa maioria dos casos, as personagens não existiram ou foram recriadas livremente pelo romancista; da mesma forma, as situações ocorridas foram, geralmente, modificadas, recriadas. O historiador, ao analisar uma obra literária, deve levar isso em conta.

¹ Mariano Azuela, além de escritor, era médico e atuou como tal em forças villistas.

Uma outra questão pertinente para nosso estudo, é o fato de que a escrita histórica está permeada pela ficção. O passado “tal como ocorreu” é impossível de ser plenamente alcançado, tocado, visualizado. Construimos assim representações sobre esse passado, impregnadas de elementos ficcionais. O uso da ficção na produção historiográfica preenche a lacuna entre o tempo passado vivido e o tempo presente no qual este passado está adquirindo um sentido próprio, diferente do que teve quando ocorreu². Embora isso aproxime a história da literatura, não transforma uma na outra. São conhecimentos diferentes. A história, com todas as ressalvas possíveis, ainda se caracteriza pela busca da verossimilhança, possui uma dívida com os mortos e se ancora fortemente na memória³, seja para afirmá-la, seja para duvidar dela. Estas são questões que embora possam eventualmente ser colocadas para a literatura, não se constituem como algo inerente à produção literária ou ficcional. A narrativa literária está sujeita à outras regras, possui licença poética, o que permite uma maior liberdade e plasticidade para urdir sua trama. Na escrita histórica tal liberdade seria abusiva. Sua construção narrativa está vinculada às suas fontes documentais e não pode extravasar as possibilidades que estas fontes apresentam.

Carlo Ginzburg (GINZBURG, 2002) e Sandra Pesavento (PESAVENTO, 1995) defendem este compromisso da história com a verossimilhança, através da relação entre a retórica e a prova documental. Pesavento produziu, também, reflexões relevantes sobre as relações entre a história e a literatura. Segundo a autora (PESAVENTO, 2004), o historiador, ao utilizar uma obra literária como fonte histórica, deve levar em consideração o contexto no qual foi produzida, as idéias que circulavam na época e o autor que a produziu. Sendo assim, o historiador não deve realizar um estudo fechado em torno da obra, ou compará-la com a realidade. As personagens provavelmente são fictícias, não viveram as situações descritas. A obra é interessante como produto de uma época, ou seja, é resultado de idéias e valores que circularam em um tempo determinado, nos revelando sensibilidades localizadas temporalmente.

Pesavento (PESAVENTO, 1995) defende uma concepção histórica baseada no estudo das representações e do imaginário, sendo este último um sistema de idéias,

² Para um estudo mais aprofundado sobre o uso de elementos ficcionais pela escrita histórica ver RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994.

³ Segundo Ricoeur caberia à história refletir sobre a memória, e mesmo duvidar dela em algumas ocasiões. Ou seja, o conhecimento histórico é exercido através de um constante trabalho crítico em relação à memória. A memória luta para recordar os eventos passados da forma mais fiel possível, mas está sempre permeada pela imaginação. Estes são os elementos básicos que perpassam toda a problemática da diferenciação entre a história e a ficção. A história está ligada à memória enquanto referente ao passado, mas em sua busca de se aproximar do passado *tal como foi*, enfrenta as dúvidas colocadas pela imaginação, sempre presente na subjetividade do próprio pesquisador.

imagens, que dão significado à realidade. A reflexão sobre o imaginário, e consequentemente, a literatura, possibilita ao historiador pensar não só sobre o que ocorreu de fato, mas também sobre o que poderia ter ocorrido. O imaginário exerce uma função criadora, que parte de uma via simbólica e expressa a vontade de reconstrução do real. É claro que essa vontade de criação não se manifesta unicamente a partir de uma abstração deslocada dos elementos concretos sociais, pelo contrário, ela advém dessas condições reais. A literatura seria então, parte de uma realidade social, e mais que isso, se configura como uma vontade de reconstrução/reconfiguração do real.

Uma outra preocupação presente em nosso trabalho é a questão da modernidade. O que foi esse processo e como ele se desenvolveu na América Latina? A modernidade compreende mudanças materiais, intelectuais, e de comportamento. Segundo Marshall Berman (BERMAN, 2007), estas mudanças ocorrem incessantemente, em um ritmo cada vez mais intenso. A modernidade realizaria um movimento de autodestruição inovadora, ou seja, suas construções e idéias são constantemente demolidas, processo imprescindível para que novas construções e idéias possam surgir. De fato, seria esta autodestruição inovadora que possibilitaria a velocidade característica da modernidade. Para esse intelectual, a modernidade compreende dois movimentos: a modernização, que seria as mudanças materiais, urbanas e tecnológicas, e o modernismo, que seria o desenvolvimento intelectual, criativo e artístico. Esse processo teve seu início na Europa e chegou ao continente americano por volta do século XIX.

Outro ponto crucial para a reflexão sobre a modernidade é o debate em torno da Razão. A modernidade viveu, durante boa parte de sua duração, uma grande valorização da Razão. O que passa a ser a base para uma sociedade moderna é o racionalismo burocrático nos órgãos políticos (WEBER, 2008) – cujos cargos e setores passam a se configurar em torno de um certo profissionalismo ao invés de um paternalismo ou mesmo uma política marcada pelo critério pessoal -, a crença no poder da ciência e do progresso material, em um homem que busca cada vez mais o esclarecimento ao invés da superstição e das práticas místico-religiosas. O mundo moderno é articulado a partir da interação entre diversas esferas que ganham autonomia – esferas econômica, política, estética, erótica e intelectual (WEBER, 1997).

O desenvolvimento da modernidade na América Latina foi muito diferente do processo europeu e o estadunidense. Até princípios do século XIX a América Latina ainda estava basicamente situada em um contexto de sistema colonial, e mesmo sua independência política foi marcada por uma forte dependência econômica em relação às

grandes potências. A modernização, marcada por inovações tecnológicas, se desenvolveu ao lado da tradição religiosa, da cultura rural e agrária, dos padrões sociais ainda bastante ligados aos laços clientelares, familiares. Esse processo de modernização, nos países latino-americanos, não resultou na solução de nossos problemas sociais, pelo contrário, muitas vezes possibilitou a continuidade no poder das velhas aristocracias, que eram, na maioria dos casos, responsáveis ou colaboradoras dessas inovações. De fato, essas elites nem sempre buscavam um rompimento com seu passado, e muitas vezes se voltavam às tradições para justificar seu poder.

É claro que não podemos pensar nesses desenvolvimentos artísticos e tecnológicos como meros instrumentos nas mãos destas elites. A relação é bem mais complexa, sendo que os artistas muitas vezes buscam uma autonomia frente às pressões dos grupos no poder. Mas também não podemos descartar - e este com certeza não é o propósito de nosso estudo - as maneiras como a arte e a tecnologia são apropriadas por estes setores. O que tentamos mostrar é que, na América Latina a relação entre a modernidade e a tradição é bastante peculiar, e se dá de forma bastante diferente do que acontece na Europa⁴.

O estudo de Julio Ramos (RAMOS, 2008) apresenta alguns aspectos característicos da modernidade na América Latina no final do século XIX e início do XX. Nesse período, diversas cidades latino-americanas sofreram uma intensa reelaboração do espaço, sendo que a cidade, e não mais o campo, passou a ser o centro das atividades. É importante perceber que o surgimento dessas cidades modernas na América Latina ocasionou o nascimento de uma cultura urbana, que modificou comportamentos, estimulou o aparecimento de novas formas artísticas e possibilitou o despontar de novos meios de entretenimento (como é o caso dos cinemas e dos grandes teatros). A cidade moderna, com suas ruas e avenidas, permitiu uma maior circulação de mercadorias, um trâmite mais amplo dos bens culturais e um maior desenvolvimento do capitalismo, que trouxe consigo relações econômicas e sociais ambíguas, contraditórias. É evidente que as mudanças do capitalismo repercutiram na relação do artista com a arte, que passou a ser vista como mercadoria. E o artista – incluindo o literato - tornou-se, por sua vez, um produtor de mercadorias a serem vendidas no mercado, cada vez mais amplo, marcado pelo fenômeno da cultura de massa. A modernização e o avanço do capitalismo desencadearam uma divisão do trabalho mais complexa, na qual o artista foi inserido.

⁴ É interessante observarmos que embora o discurso moderno preze por uma separação entre o moderno e o tradicional, constantemente estes dois conceitos andam juntos. Um texto bastante elucidativo desta característica da modernidade pode ser visto no estudo de Habermas, que infelizmente não podemos expor aqui com maior detalhamento.

Em relação ao desenvolvimento do sistema capitalista e à modernidade na América Latina é preciso ressaltar um outro aspecto importante para nosso trabalho: a acentuação das diferenças entre as cidades modernas e o campo. Marshall Berman, em seu livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, (BERMAN, 2007) analisa, entre outros temas, os processos de modernização nos países subdesenvolvidos. Acreditamos que alguns elementos utilizados na análise de Berman podem ser usados para pensar o processo de modernização no México. Este autor reflete sobre a relação entre autoritarismo e modernidade nos países subdesenvolvidos, mostrando como estes fatores estão imbricados, e as possíveis conseqüências deste cruzamento. Outro aspecto apontado por Berman a respeito da modernização nos países subdesenvolvidos é sua concentração em alguns pontos, ou seja, apenas algumas áreas destes países passam pelo processo de urbanização e modernização, sendo que outras permanecem à margem deste processo. Essa modernização pontual acentua as diferenças entre cidade e campo, intensificando as tensões entre esses dois pólos. Isso é facilmente observado durante o governo de Porfirio Díaz (1876 – 1911). O período conhecido como porfiriato foi caracterizado por um grande desenvolvimento econômico, modernização das áreas urbanas, progresso nos meios de transporte - como pode ser evidenciado pela ampliação da malha ferroviária durante seu governo -, mas também, por uma grande concentração de renda nas mãos de grupos favorecidos pelo general Díaz, além de uma forte censura e violenta repressão. Esse desenvolvimento foi sustentado em grande parte por investimentos internacionais, principalmente dos Estados Unidos, o que acarretou uma dependência cada vez maior do México em relação ao seu vizinho do norte (CAMÍN; MEYER, 2000).

A ditadura de Porfirio Díaz foi marcada, no âmbito das idéias, pela predominância do positivismo como corrente ideológica entre os círculos do governo. Buscava-se o ideal de uma sociedade bem organizada, alicerçada nos pilares da ciência e da razão, sempre na marcha para progresso. Concomitante a esse discurso oficial, existia no país uma forte tradição católica, além de uma cultura baseada nos valores indígenas - não podemos esquecer que o México é um país de acentuada miscigenação e que as tradições indígenas nunca deixaram de influenciar as práticas sociais -, ainda muito vinculadas a um mundo de encantamentos no qual a crença na ciência ainda não tinha uma força significativa. A Cidade do México, e também alguns estados do norte (como é o caso de Sonora), apresentaram um crescimento econômico e urbano desproporcional em relação às áreas agrícolas. O ambiente rural mexicano passou a contrastar com cidades modernas, onde circulavam não só bens materiais, como também uma quantidade considerável de bens

culturais, como a literatura e o cinema. Diversos elementos representativos da modernidade passaram a figurar no cenário mexicano, como as ferrovias, os automóveis, o telégrafo, e as novas construções urbanas. Paralelamente a essa modernização, ainda persistia a cultura rural, a economia agrícola, as camadas populares que permaneceram ligadas a estas. Estas contradições se acentuaram, culminando na Revolução Mexicana, e os que foram deixados à margem do progresso, “os de baixo”, embora tenham atuado bastante no meio rural, não se restringiram a ele, pelo contrário, estas classes desfavorecidas pelo governo de Porfirio Díaz, ocuparam as ferrovias, penetraram nas cidades, e foram mais além, ocupando o Palácio Presidencial. O México desenvolveu algumas áreas urbanas, mas continuou essencialmente um país agrário.

A Revolução Mexicana começou às 18:00 horas do dia 20 de novembro de 1910⁵. Iniciou-se com uma série de levantes marcados por uma intensa violência e diversas reviravoltas, que, após o assassinato de Francisco Madero,⁶ em fevereiro de 1913, se tornaram ainda mais intensas. A Revolução Mexicana é um processo fundamental para a história mexicana. O século XX no México se voltou constantemente para seus acontecimentos, viveu à sua sombra. O espaço de um artigo não permite detalhar o processo revolucionário.⁷ A discussão em torno do que significou a Revolução Mexicana exigiria um trabalho à parte, e ainda assim correr-se-ia o risco de não esgotá-la. Compreendo a Revolução como uma série de levantes armados nos quais se posicionaram as mais diversas frentes ideológicas e sociais (liberais, anarquistas, camponeses, fazendeiros etc.), surgidas da insatisfação com o regime vigente até então. Entre os diversos grupos que se levantaram, destacam-se os zapatistas, que buscavam o direito ao cultivo em seus *ejidos*⁸ e atuavam no centro-sul do país; o grupo liderado por Francisco Villa – mais conhecido como Pancho Villa - no norte, próximo à fronteira com os Estados Unidos; e a vertente liderada pelo general Carranza, liberal que agregava muitos seguidores de uma antiga aristocracia rural que havia ficado à margem da vida política mexicana durante o

⁵ O *Plan de San Luis Potosí*, escrito por Francisco Madero em seu exílio nos Estados Unidos, conclamava os mexicanos para uma sublevação contra Porfirio Díaz. Essa sublevação estava marcada para começar às 18:00 do dia 20 de novembro. Foi o início da Revolução Mexicana. O *Plan de San Luis Potosí* pode ser encontrado em anexo no livro de CORDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*, México D.F.: Ed. Era, 1977, p.427.

⁶ Francisco Madero foi assassinado no dia 22 de fevereiro de 1913, fuzilado juntamente com Pino Suárez, vice-presidente, por ordem do general Victoriano Huerta, que conspirava com o governo norte-americano para derrubar Madero. O episódio ficou conhecido como “Decena Trágica”.

⁷ Não é nosso objetivo aqui apresentar uma análise detalhada da Revolução Mexicana, e sim, analisá-la através da literatura de Mariano Azuela.

⁸ Os *ejidos*, durante o período colonial, eram as propriedades comunais destinadas ao trabalho agrícola. Após a Constituição de 1917 o nome foi recuperado, embora os direitos de uso destes *ejidos* não sejam os mesmos dos *ejidos* do período colonial.

governo de Díaz. Os conflitos bélicos foram mais intensos durante a década de 1910 e diminuíram consideravelmente na década seguinte, caracterizada pela reorganização do país e pelas reformas implementadas pelos governos de Álvaro Obregón (1920-1924) e Plutarco Elias Calles (1924-1928).

Voltemos agora nossa atenção para Mariano Azuela. Sua produção está estritamente relacionada com o momento da Revolução Mexicana. A obra de Azuela tem um forte cunho social e um sentido de crítica muito intenso. Azuela nasceu em Lagos de Moreno, no estado de Jalisco, um *pueblo* de caráter provinciano, distante da capital do México. Encontrava-se, portanto, distante do ambiente urbano, moderno, que poderia propiciar uma melhor divulgação de suas obras, e por um tempo considerável não teve nenhum êxito em suas publicações. O autor escreveu romances desde a época de Porfirio Díaz (*María Luisa*, 1907; *Los fracasados*, 1908; *Mala yerba*, 1909) até 1949, com seu último romance, *Sendas perdidas*. Sua obra de maior sucesso, *Los de abajo*, foi escrita durante a fase bélica da Revolução Mexicana e publicada pela primeira vez no jornal *El Paso del Norte*, entre outubro e dezembro de 1915, mas só veio a se tornar conhecida dez anos depois. A publicação de obras literárias em jornais era algo freqüente no início do século XX, porém, muitas vezes esses veículos de circulação não possibilitavam um bom padrão de qualidade. A obra era submetida ao espaço do jornal e assim, de uma edição à outra, ocorria de uma frase, ou mesmo de uma palavra, ser publicada de forma dividida.

Um outro fator que contribuiu para que Azuela permanecesse um longo tempo no desconhecimento foi a sua localização. No início do século XX, os escritores que desejavam obter algum prestígio costumavam viajar para a Europa, continente irradiador de manifestações culturais, sendo que a França e a Espanha eram os países que despertavam o maior interesse dos hispano-americanos. (ZANETTI, 1994). A Paris de Haussman era o centro cultural e simbólico da modernidade. Na América Latina, Buenos Aires, Rio de Janeiro e a Cidade do México eram umas das poucas exceções, e também atuavam como centros difusores de cultura. Azuela, em seus primeiros anos como escritor, se limitava a produzir em sua região provinciana, e estava bastante distante da capital de seu país. O autor só se mudou para a Cidade do México por volta de 1915, depois de haver escrito *Los de abajo* e não estar mais atuando nas forças revolucionárias. Isso dificultou consideravelmente a difusão de suas obras.

O texto de Mariano Azuela também possuía um estilo bastante diferente dos modelos literários mexicanos. No início do século XX, o tipo de produção aceita pelas elites era aquela que se adaptava às formas europeizadas. Azuela surgia com uma obra literária

de caráter mais regionalista, que buscava mostrar as expressões populares, a forma de vida das pessoas envolvidas nos conflitos armados pelos quais o país passava, a cultura mexicana rural. Segundo Jorge Ruffinelli (RUFFINELLI, 1996: 235), as primeiras críticas a *Los de abajo* acusavam Azuela de ser um autor que incorria em erros gramaticais, e indicavam o aspecto fragmentado da obra como um problema de construção textual. Ressaltavam que o romance possuía qualidades, mas não era, segundo os críticos, de forma alguma, excepcional. É importante lembrar que muitos desses “erros gramaticais” apontados eram, na verdade, expressões da fala popular mexicana.

Azuela só se tornou um escritor conhecido no México em meados da década de 1920. De acordo com Ruffinelli, o nome de Azuela começou a ser mencionado devido a um artigo escrito por intelectuais do movimento de vanguarda mexicano, os *estridentistas*,⁹ no jornal *El Universal*. Embora assinado com o pseudônimo de José Corral Raigán, os verdadeiros autores eram Febronio Ortega, Carlos Noriega Hope e Arqueles Vela. Esses intelectuais vanguardistas defendiam a legitimidade de seu movimento frente à acusação de “europeístas” e afirmavam sua vinculação ideológica com a Revolução Mexicana. Segundo os vanguardistas, a Revolução tinha provocado uma renovação cultural, e apontaram Mariano Azuela como um “futuro grande escritor” quando escreveu o romance da Revolução (*Los de abajo*). Apesar de ser um artigo de assinatura duvidosa, causou um grande impacto na época.

Um mês após o artigo assinado pelos vanguardistas, um escritor já conhecido, Julio Jiménez Rueda, escreveu um artigo intitulado *El afeminamiento de la literatura mexicana*. Nesse texto, criticou a “falta de virilidade” da literatura mexicana de então. O artigo deu início a uma polêmica que durou vários meses e na qual participaram vários intelectuais, entre eles Francisco Monterde, José Vasconcelos, Federico Gamboa e o próprio Azuela. Francisco Monterde apontou, em sua resposta a Jiménez Rueda - o artigo *Existe una literatura mexicana viril* - para as dificuldades que o escritor mexicano tinha que enfrentar para escrever e difundir suas obras. Segundo Monterde, muitos críticos e intelectuais mexicanos estavam mais atentos à produção europeia do que às obras dos escritores de seu país, que ignoravam. Monterde aponta Mariano Azuela como um exemplo de bom escritor que permanecia esquecido pela crítica mexicana, além de caracterizar sua literatura como viril, ou seja, o tipo de produção da qual Rueda sentia falta. Após o artigo de

⁹ O estridentismo foi um movimento intelectual de vanguarda surgido em 1921 no México, com o manifesto *Actual N°1*. O estridentismo foi um movimento influenciado por correntes artísticas européias, como o futurismo e o dadaísmo, mas também por artistas mexicanos, como os poetas José Juan Teblada e Ramón López Velarde. Entre suas principais figuras estavam Manuel Maples Arce e Arqueles Vela.

Monterde, *Los de Abajo* e seu autor se tornaram famosos no México. A fama de Azuela se torna ainda mais evidente quando em 1927 *Los de Abajo* é publicado na Espanha, ganhando prestígio internacional.

A obra de Azuela, como afirmei anteriormente, é marcada por uma forte crítica social, muito vinculada aos seus ideais políticos. Uma obra anterior a *Los de abajo*, mas que demonstra claramente este aspecto crítico de Azuela, é o conto *Andrés Pérez, maderista*, escrito em 1911. Ao longo deste pequeno conto, Azuela critica o caciquismo¹⁰ na política mexicana, assim como os oportunistas que aderiram à Revolução e à causa de Francisco Madero somente quando perceberam que o governo de Díaz estava condenado ao fracasso, ficando conhecidos como “maderistas de última hora”. Os personagens que mais se destacam no conto são Andrés Pérez - que acaba aderindo à causa revolucionária apenas como uma forma de aumentar seu prestígio pessoal, de maneira bastante oportunista, simbolizando os maderistas de última hora - e Don Octavio, um intelectual que se identificava verdadeiramente com os ideais da Revolução Mexicana. Os dois personagens apresentam opiniões contrastantes a respeito da Revolução, que vão se chocando ao longo da obra. Através das falas de Don Octavio o autor manifesta a maioria de suas críticas ao governo de Díaz, como transparece neste trecho do conto no qual o personagem se refere a Porfirio Díaz:

Don Octavio, en efecto, dijo con aplomo:
-Los desaciertos del gobierno aumentan la gravedad de la situación del país. Se siente la senilidad, la decrepitud del dictador. Nos tenía acostumbrados a su dictadura cuerda, lógica, tolerante;[...] (AZUELA, 2002: 37).

Podemos perceber que as críticas de Azuela são dirigidas, principalmente, para os problemas políticos mexicanos. *Andrés Pérez, maderista* já mostrava uma posição do autor que seria aprofundada em *Los de abajo*: a crítica à política clientelista, caciquista, que vigorava no México em princípios do século XX. A questão agrária não é discutida com profundidade, como causa do conflito social. Quando a questão das terras é mencionada, aparece apenas como uma amostra do poder dos caudilhos, mais um aspecto desse caciquismo, como no trecho do conto no qual Romualdo Contreras López, um coronel do *Ejército Libertador*, se dirige à Andrés Pérez:

¹⁰ O caciquismo foi uma prática política marcada pela forte autoridade de um chefe político local, geralmente dono de quantidades expressivas de terras. Nas práticas caciquistas o chefe local concentrava diversos poderes em suas mãos e exercia-os muitas vezes de forma arbitrária. O caciquismo é bastante parecido com o coronelismo ocorrido no Brasil.

-La verdad es que ya urge que nos quiten a don Porfirio y a todos los bandidos de su gobierno, mi coronel. Soy dueño de una garrita de tierra que no llega ni a dos caballerías, y pago por ella de contribuciones tanto como el coronel Hernández paga por la hacienda del Cedazo. ¿Y sabe usted lo que acaban de ofrecerle por ella? Doscientos cincuenta mil pesos. Le digo a usted que es un Gobierno de ladrones (AZUELA, 2002: 47).

A posição política liberal de Azuela, neste primeiro momento, é bastante próxima à de Francisco Madero, a quem o intelectual não poupava elogios. Desde a candidatura de Madero, Azuela declarou seu apoio à esse líder social. O escritor chegou até mesmo a se candidatar e vencer a eleição para chefe local na cidade de Lagos, após a queda de Porfirio Díaz, mas exerceu o cargo por apenas um mês e decidiu abandoná-lo, decepcionado pela atuação de vários políticos que, apesar de se apresentarem como maderistas, exerciam as velhas práticas do período porfirista. Mesmo após seu afastamento da vida política de Lagos, continuou atuando em favor de Madero, fazendo propaganda para o liberal. Azuela chegou a ser censurado em sua região devido aos seus posicionamentos políticos. Na edição do conto *Andrés Pérez, maderista*, publicada em 2002 pelo Instituto Politécnico Nacional, encontramos em anexo correspondências de Mariano Azuela que nos possibilitam ter uma ligeira amostra de seu posicionamento político, bem como de sua ligação com diversos membros do *Comité Ejecutivo Electoral propagandista de la formula Madero-Vázquez Gómez- Gutiérrez Allende*. As correspondências datam de 14 de maio de 1911 a 17 de junho de 1912 e também abarcam o período em que Azuela foi chefe político em Lagos. Em carta a Salvador Gómez, membro do comitê citado anteriormente, datada de 31 de dezembro de 1911 - na qual o escritor aceitava a candidatura para deputado por um clube político liberal - percebemos claramente o posicionamento liberal de Azuela:

[...] hasta ahora me había abstenido porque nunca he trabajado por personalidad alguna ni lo haré más tarde, pero me basta el hecho de que sean los partidarios amparados bajo la bandera liberal los que me honren con tal ofrecimiento, para que los acepte desde luego, pues mi labor modesta ha sido siempre por el triunfo de las ideas liberales (AZUELA, 2002: 111).

Azuela aceitou a candidatura apenas para garantir a vitória do clube liberal, mas avisa a Salvador Gómez que não exerceria o cargo, do qual se retiraria para que um suplente o ocupasse. Por uma mudança de planos da parte de Salvador Gómez a candidatura de Azuela não se efetivou, apesar da decisão tornar evidente as intenções de Azuela em colaborar com partidos liberais. Através das leituras dessas cartas, observamos

que Azuela se tornou uma figura política de considerável importância na região de Lagos, e que sua opinião era relevante para outros membros de clubes políticos liberais regionais.

Esse liberalismo, presente neste primeiro momento da trajetória de Azuela, está fortemente associado à idéia de democracia. A principal crítica do escritor é dirigida à forma na qual a política é exercida no México, sendo o caciquismo seu grande mal. A política mexicana estava nas mãos de latifundiários, que se tornaram importantes líderes e exerciam seu poder através de relações pessoais e clientelares. O patrimônio público se confundia com o patrimônio pessoal desses chefes. Ou seja, as leis moldavam-se aos valores desses líderes, a justiça ficava subordinada aos seus comandos, a administração do bem público, seja em âmbito regional ou central, vinculava-se aos seus interesses. Mas, o que é preciso notar, é que este liberalismo defendido por Azuela - bastante marcado pelas idéias de Madero - estava voltado para um viés legalista, defendia instituições políticas legítimas e independentes entre si, os poderes políticos (Legislativo, Judiciário e Executivo) funcionando de maneira equilibrada e, é claro, o direito ao voto, livre da pressão dos caciques políticos.

Também acreditamos ser válido ressaltar como esta visão política é bastante moderna. A separação dos poderes, a liberdade de imprensa, o direito ao voto, a livre associação partidária, todas estas questões vão na contramão das práticas políticas mexicanas até então – paternalistas, repressivas, personalistas. Azuela nos revela uma intenção de romper com este modelo, expressa claramente em suas obras literárias.

O que é interessante notar é o fato de que estas questões são colocadas primeiramente na Revolução Francesa, na qual o rompimento com o chamado Antigo Regime – monárquico, personalista, autoritário – ocorre em solo europeu e passa a servir como modelo para diversos outros países – dentro e fora da Europa. Também precisamos ficar atentos, como nos mostra François Furet (FURET, 2001), que a partir da Revolução Francesa os ideais liberais passam a ganhar uma importância cada vez maior, estabelecendo uma relação bastante complexa entre a sociedade e o indivíduo. A questão colocada é: como o liberalismo político, que defende um certo individualismo - ancorado em direitos que cede ao homem liberdade religiosa, liberdade de expressão, direito à propriedade entre outros – pode se articular equilibradamente à formação de uma sociedade? A partir da aceitação do liberalismo político o que prevalece: os interesses da sociedade em geral ou as liberdades individuais? De acordo com Furet esta é uma questão ainda não resolvida nos dias de hoje. Não seria nenhum absurdo dizer que essas questões são bastante pertinentes para pensarmos a Revolução Mexicana, também marcada por uma forte participação popular, principalmente quando nos atentamos para os diversos conflitos

ideológicos existentes em seu processo, como fica evidente nas negociações entre o zapatistas e o governo de Madero em torno da questão da reforma agrária (CUMBERLAND, 1977) e durante boa parte da década de 1920, quando o Estado busca formular e aplicar uma ideologia da Revolução, usando para isso de uma coerção bastante significativa, seja nos meios culturais ou nos meios políticos (ARCINIEGA, 1989; BARBOSA, 1996, 2004; GOMES, 2010).

No caso mexicano, esta relação entre os valores individuais e o funcionamento social perpassam todo o século XX, indo desde a Constituição de 1917, passando pelas propostas educativas de José Vasconcelos¹¹, quando Ministro da Educação, e pela ideologia revolucionária buscada pelo governo a partir da década de 1920, chegando até a relação do Partido Revolucionário Institucional (PRI, antigo Partido Nacional Revolucionário – PRN – e Partido da Revolução Mexicana – PRM) com o povo mexicano¹².

Em relação à Azuela, é preciso ressaltar que suas posições políticas sofreram algumas mudanças com o passar do tempo. O enfraquecimento do poder de Madero e, depois, seu assassinato – planejado por Victoriano Huerta e seus homens de confiança, e com a conivência do embaixador dos Estados Unidos no México, Henry Wilson (CAMÍN; MEYER, 2000; CUMBERLAND, 1977) - abalaram profundamente o escritor. Os levantes ocorridos após a morte do “apóstolo da liberdade”, como Madero era conhecido, repercutiram na vida de Azuela, que já desejava escrever um romance inspirado nos acontecimentos revolucionários e nas experiências vividas por verdadeiros “homens de rifles”. Foi então que o escritor percebeu que deveria se aproximar de um dos grupos em

¹¹ José Vasconcelos foi Ministro da Educação entre 1921 e 1924 e implementou um programa educativo que buscava levar a instrução pública até as áreas mais afastadas do país. Uma de suas principais intenções era educar os povos indígenas ainda não alfabetizados no espanhol. É interessante observar que o modelo educativo proposto por Vasconcelos era voltado para uma educação iluminista, européia e até mesmo homogeneizante. Os indígenas seriam educados para a língua espanhola e para uma cultura ocidental, pouco importando se assim desejavam. O direito à educação entra em conflito com a liberdade cultural. José Vasconcelos, político liberal, acreditava que a instrução seria a melhor maneira de livrar o México da política caciquista.

¹² O PRN foi criado pelo presidente Plutarco Elias Calles como uma forma do México se modernizar politicamente, não mais se ancorando em uma política personalista e favoritista. Uma formação bastante contraditória se nos atentarmos para a forma como Calles conduziu a política – antes e depois da formação do partido, que funcionou como um meio de Calles continuar atuando no comando político do México até a entrada de Lázaro Cárdenas na presidência em 1934. O PRN (depois o PRM e o PRI) cresceu rapidamente na cena política mexicana, incorporado diversos partidos menores, cooptando sindicatos, e até mesmo fraudando eleições. Ao observarmos a modernização da política mexicana, caracterizada por um partido que permaneceu no poder por aproximadamente 70 anos e um enorme aparato burocrático, podemos notar que ela não rompeu com algumas velhas práticas políticas, como o favoritismo, e mesmo o caciquismo, que permaneceu forte durante muito tempo nas áreas rurais, agora articulado a esta nova burocracia. Eis a tensão: uma modernização política que buscava o rompimento com a política caciquista, eleições mais seguras e livres, liberdade sindical e partidária e separação dos poderes, acaba se afirmando através de um partido criado a partir de um poderoso chefe político, e que buscou cooptar partidos menores e sindicatos, concentrou poder nas mãos do Executivo e até mesmo fraudou eleições.

confronto, e através de seu amigo e poeta laguense, José Becerra – também vítima de perseguições devido às suas posições políticas – conheceu Julián Medina, um combatente das forças de Francisco Villa, e juntou-se às suas tropas como médico, a fim de recolher material para escrever seu romance. Segundo as palavras do próprio Azuela:

Mi participación en la revuelta maderista y en el régimen constitucional que le sucedió fue estrictamente política, pero con ello fue suficiente para que, al derrocamiento de Madero, se me tuviera vigilado estrechamente, como a todos los que comprobamos nuestras ideas revolucionarias, y en estado de tensión constante. Los que no pudimos o no supimos escapar a tiempo de nuestros terrones, sujetos a un espionaje exasperante, no teníamos más perspectiva que la de incorporarnos con el primer grupo rebelde que se acercara. Pero en mi Estado sólo Julián Medina se levantó en armas [...] (AZUELA, 1996: 324-325).

Foi a partir das experiências que vivenciou e de sua convivência com os revolucionários villistas, que Azuela escreveu *Los de abajo*, seu romance de maior sucesso. Antes de passarmos para a análise do romance é necessário fazer uma breve descrição de seu enredo. A obra conta a história de Demetrio Macias, um pequeno proprietário da região norte do México e se passa entre os anos de 1913-1915. Demetrio Macias, no início do romance, era um fugitivo de Don Mónico, cacique local que desejava as terras de Demetrio. O personagem junta-se com alguns amigos e se vê em meio à Revolução, sem nem mesmo compreender o que se passava. Ao primeiro encontro com as forças federais, Demetrio Macias é ferido e, no momento de sua recuperação, surge a figura de Luis Cervantes, um jornalista da cidade que, no início dos conflitos bélicos, escrevia artigos contrários à Revolução. Cervantes, ao ser obrigado a se alistar nas tropas federais, resolveu fugir e, quando percebeu que os revolucionários poderiam vencer, aliou-se a eles, incorporando-se nas tropas de Demetrio Macias após ganhar sua confiança. Ao longo da estória Demetrio Macias e seus homens ganharam diversas batalhas e se tornaram conhecidos, sendo que seu auge foi a conquista de Zacatecas e a vitória sobre Don Mónico. Demetrio tornou-se um general das tropas revolucionárias.

Depois de tantas vitórias, o general Demetrio conheceu sua decadência. As práticas do grupo de Demetrio contribuíram para que esta se acentuasse. Roubos e saques por seus homens, e mesmo as atitudes oportunistas de Luis Cervantes, combinadas à derrota de Villa, levaram Demetrio à sua derrocada. No final da estória, Luis Cervantes abandonou seus companheiros e foi para os Estados Unidos, muitos homens de Demetrio morreram, e esse, fugindo das tropas de Carranza, acabou morrendo.

Em *Los de abajo* a expressão do caciquismo aparece nas figuras de Don Mónico e Demetrio Macias. Ao longo da narrativa, os dois personagens disputam o poder em várias localidades e é possível observar a denúncia de várias práticas efetivadas por esses homens de poder. As personagens, principalmente as secundárias, saqueiam, estupram mulheres, matam sem qualquer sinal de escrúpulo. Azuela apresenta a Revolução como um evento marcado pela violência e pela coragem. Muitas das situações narradas e várias personagens criadas por Azuela, foram inspiradas em fatos vivenciados ou contados ao autor por companheiros de batalha. *Los de abajo* mostra uma visão desencantada da Revolução Mexicana. A obra narra a trajetória dos que faleceram nas batalhas e ficaram esquecidos pela história. Mais do que isso, o romance mostra a visão que Azuela tinha da Revolução como “lugar da barbárie”. O romance apresenta uma estrutura cíclica - a narração termina no mesmo local em que começa –demonstrando a visão pessimista do autor em relação à Revolução. Após esta as coisas voltariam para o mesmo lugar. Os que morreram nas batalhas seriam esquecidos e a política mexicana continuaria nas mãos de caudilhos.

Mariano Azuela atuou na Revolução, mas parece não tê-la compreendido em seu sentido social mais profundo. Ao transpô-la para a literatura não pode entender a principal questão da Revolução Mexicana: o problema agrário. A concentração de terras, no México, nas mãos de poucos homens não foi abordada pelo escritor. Sua crítica aos caudilhos é forte, sendo que a própria questão das terras só aparece enquanto produto da exploração desses *caciques* locais, e não como uma questão fundamental na sociedade mexicana, o que o levou a ser criticado por muitos e a ser visto por alguns grupos como conservador. De fato, sua crítica é bem menos radical se comparada com a do movimento zapatista, muito mal visto por setores conservadores da sociedade mexicana e cuja imagem era terrivelmente atacada pela imprensa (BARBOSA, 2006).

Mary Louise Pratt (PRATT, 1999) reflete sobre a modernidade e sua relação com os conceitos de “civilização” e “barbárie”. Para a autora tais denominações são arbitrárias e impostas, ou seja, aquele que detêm um maior poder econômico, político e tecnológico se coloca como o ser “civilizado”, em oposição ao dominado, que passa a ser visto como o “bárbaro”. Nota-se que este é um processo identitário excludente bastante marcado pela alteridade – a identidade do “civilizado” é construída a partir da relação com o “outro” que não detêm as mesmas tecnologias e idéias – que passa a ser chamado de “bárbaro”. O pólo de difusão deste conceito de civilizado inicialmente é o continente europeu, e logo em seguida os Estados Unidos. Não seria exagero dizer que a visão pejorativa de Azuela a

respeito dos hábitos e práticas dos revolucionários populares está bastante ligada às suas idéias em torno da política moderna, “civilizada”. As práticas dos revolucionários, que enfrentam os homens do governo com o rifle na mão, mas que também saqueiam e matam, é vista pelo médico e escritor – forte defensor de uma política moderna, liberal e racional – como ações bárbaras. Ações como estas estão muito distantes do ideal de sociedade desejado por Azuela, e dificilmente conduziriam seu país para um futuro melhor.

Azuela posicionou-se como um escritor independente politicamente, o que não quer dizer que o autor não tenha se vinculado a nenhuma ideologia e que fosse imparcial em suas obras, como temos mostrado ao longo de nosso texto. Na verdade, o que percebemos é o contrário. Azuela entendia a literatura como uma forma de atuar politicamente, para ele a obra tinha uma função social e, por isso, os livros publicados muito depois de sua escrita o desagradavam, sendo que o sentido crítico poderia se perder ao longo do tempo.

Durante a década de 1920, o México passou por uma fase de reconstrução. O período bélico da Revolução havia deixado muitos mortos e um país completamente destroçado. As figuras de Álvaro Obregón e Plutarco Elías Calles destacaram-se no cenário político mexicano. Estes, mesmo nos momentos em que não ocuparam a cadeira presidencial, foram os verdadeiros detentores do poder Executivo no México. Os conflitos armados na década anterior deixaram uma herança fundamental para a história do país: o povo mexicano passou a ser considerado na política, como nos revela a Constituição de 1917 que incorporava algumas demandas dos revolucionários, como o direito à greve e a reforma agrária. Ao longo da década de 1920, buscou-se construir uma identidade nacional que carregasse os valores da Revolução Mexicana, que, mesmo não atendendo plenamente as demandas das classes populares, agora não podia negá-las. Após a Revolução o povo não pode mais ser ignorado. Segundo Kátia Gerab Baggio (BAGGIO, 2002) e Ricardo Pérez Montfort (MONTFORT, 1994), os temas principais que circulavam em torno dessa nova idéia de nação eram o indigenismo, o hispanismo, o latino-americanismo e o pan-americanismo, sendo que a opção pelo uso de imagens associadas a esses temas variava de acordo com o posicionamento político-ideológico de quem o propunha.

As artes e a literatura foram fundamentais na propagação dessa nova idéia de nacionalidade. Nesta mesma época, podemos evidenciar a atuação marcante de José Vasconcelos, ministro da educação no início da década, um dos maiores responsáveis pela divulgação e incentivo à arte no país. O movimento muralista, manifestado em pinturas de grande porte que chegavam a cobrir edifícios e que buscavam retratar o povo foi uma das expressões artísticas mais importantes desse período, atraindo a atenção de artistas de

vários países do mundo. Ao lado de toda essa vida artística pulsante, permanecia uma prática política de forte caráter autoritário. O poder encontrava-se concentrado nas mãos de presidentes como Obregón e Calles, que o exerciam arbitrariamente. Muitos dos valores que surgiram ao longo da Revolução foram apropriados e usados em benefício da imagem desses políticos. A própria Constituição de 1917, considerada bastante moderna em sua época por apresentar garantias trabalhistas e uma melhor distribuição fundiária no país, era aplicada apenas parcialmente por estes governantes, de maneira a que atendesse aos objetivos das elites ligadas ao governo.

É importante lembrar que a obra *Los de abajo* foi “descoberta” durante o governo de Calles. É interessante deter-nos um pouco mais sobre este ponto. Segundo Carlos Alberto Sampaio Barbosa (BARBOSA, 1996, 2004) e Victor Díaz Arciniega (ARCINIEGA, 1989) o Estado mexicano pós-revolucionário buscou formar uma cultura revolucionária, que afirmasse a ideologia que deveria ser dominante neste novo México. Para isso, buscou cooptar diversas manifestações artísticas que exibiam a cultura popular, de forma a exaltar os valores do “ser mexicano” pós-revolucionário. Entre as imagens buscadas pelo Estado, estavam as que enfatizavam a valentia, a coragem, a bravura do mexicano que não temia nem mesmo a morte, mas que a aceitava como parte de seu destino.

Los de abajo apresenta diversas cenas que iam ao encontro dos interesses do novo Estado mexicano, sendo aceito por este como um “romance-exemplo” desta nova “cultura revolucionária”. Entre as imagens evocadas no romance de Azuela, destacam-se as de fuzilamento e as de morte. Os fuzilamentos representados no livro conduzem a outros níveis de significado, como a valentia, o desprezo pela morte, ou mesmo a representação da própria Revolução Mexicana, marcada por milhares de mortes (BARBOSA, 1996, 2004). Em relação às mortes, nas cenas do romance elas quase sempre aparecem ligadas à valentia dos revolucionários, o que possibilita exaltar a bravura do modelo de mexicano buscado pela burguesia revolucionária que chegava ao poder.

Também temos que ter em mente que a obra de Azuela passou por várias modificações entre as suas diversas edições. Entre a primeira edição e a publicada em 1920, pela editora Razaster, ocorreram diversas alterações, tanto de cunho gramatical quanto de cunho ideológico. Sem dúvida, podemos afirmar que *Los de abajo* se refazia, acompanhando as mudanças observadas na política mexicana. Azuela, durante o convívio com as tropas villistas, pode observar com atenção os costumes e as práticas das camadas populares.

Seguindo ainda o argumento de Carlos A. Sampaio Barbosa, podemos perceber que mais um aspecto importante da obra de Azuela é a divisão social. O escritor compreendeu a sociedade mexicana de maneira dividida, que se constituía de homens brancos, urbanos, europeizados, por um lado, e de mestiços, indígenas, camponeses, de outro.¹³ Esta é uma divisão que se mostra de maneira clara em *Los de Abajo*. Um exemplo significativo é o fato de apresentar uma personagem como Luis Cervantes, um jornalista e intelectual cuja linguagem e percepção são muito diferentes das demais personagens da trama, que, em sua quase totalidade são criadores de gado ou camponeses.

Mas o romance, mais que revelar estas identidades, também revela o posicionamento do escritor frente a esta sociedade. Azuela narra a história da ascensão e a decadência de um grupo de camponeses e criadores de gado que se rebelam contra um cacique local, Don Mónico. O romance é dividido em três partes. Da primeira parte até a metade da segunda, vemos a ascensão e o auge do grupo liderado pela personagem principal, Demetrio Macias, enquanto da metade da segunda parte até o final, verificamos sua queda, sendo possível perceber uma acentuação das qualidades negativas do grupo de Demetrio Macias. A incorporação de personagens caracterizadas por uma crueldade excessiva, como é o caso de Guero Margarito e da combatente La Pintada, mostram um desencantamento de Azuela com a Revolução e os homens que nela lutaram. Matar e roubar foram práticas constantes nos levantes populares ocorridos durante a Revolução Mexicana. O saque muitas vezes era visto como um troféu e possuía um valor mais simbólico que material - muitos bens roubados se mostravam inúteis para os camponeses, e eram mesmo abandonados depois do roubo.

Entre a primeira edição e a que foi “descoberta” (a de Razaster), estas características depreciativas também se tornaram mais presentes, de acordo com o aumento do desencantamento de Azuela com a Revolução. Para mencionar duas modificações significativas entre essas duas edições, pode-se notar que Luis Cervantes na edição de Razaster, possui qualidades negativas (no caso, seus interesse escusos, sua falsidade ideológica) mais acentuadas; assim como Alberto Solis - personagem que, segundo Azuela (AZUELA, 1996: 326), apresenta opiniões mais próximas das suas -, que ficou ainda mais descrente em relação à Revolução.

É interessante nos apoiarmos na teoria literária como forma de apreender melhor a obra de Azuela. Luiz Costa Lima (LIMA, 2006) reflete sobre a mimesis em atividade durante

¹³ Aqui estamos apresentando a visão de Azuela, sabemos, no entanto, que a sociedade e a cultura mexicana não são tão bipolarizadas assim.

a escrita literária. Segundo Lima, a mimesis é responsável por estabelecer uma correspondência entre um estado de mundo e uma configuração textual¹⁴. Sendo assim, a configuração interna da obra é concebida como um organismo-mundo. Ou seja, a obra literária é concebida como um mundo que funciona de maneira coerente às suas regras internas. Se por um lado o texto se configura como um organismo-mundo, por outro sua construção não está deslocada da realidade, pois a atividade da mimesis, quando ativa, sempre o articula à seu contexto histórico-social. A obra ficcional, quando articulada pela mimesis, está sempre vinculada aos valores, usos e costumes de seu contexto. Sendo assim, através da mimesis o texto acolhe e seleciona os valores da sociedade, convertendo-os em vias de orientação circulantes em suas obras, ou seja, além de acolher e selecionar os valores sociais, o escritor pode direcioná-los para qualquer viés. A partir disso, implícita ou explicitamente, estes valores são colocados em questão.

A mimesis opera por uma semelhança lógica e não pictórica, o que acaba por se desdobrar em diferenças, ou seja, entre os meios expressivos com os quais um estado de mundo é manifestado (obra literária, filmes, pintura e etc.) e o objeto da mimesis (o que estas obras buscam representar) pode haver grandes diferenças, sendo que suas correspondências seriam estabelecidas por uma homologia funcional. O que conecta representação e objeto representado seria a função estabelecida por ambos e não uma simples representação pictórica tal qual o objeto. A mimesis não é uma simples *imitatio*.

Após esta análise teórica, como pensá-la em relação à obra *Los de abajo*? Em primeiro lugar vamos colocar que, enquanto obra literária, *Los de abajo* se configura como um meio expressivo no qual se manifesta um estado de mundo – a Revolução Mexicana e seu contexto social-político, com valores, usos e costumes circulantes. Considerando que existe aí uma mimesis em atividade, encontramos semelhanças com o processo revolucionário – as situações de combate descritas, alguns momentos importantes da Revolução, como a Convenção de Aguascalientes, os nomes de pessoas que realmente atuaram nela, como Villa e Carranza. Também percebemos como estas semelhanças se desdobram em diferenças – em meio às situações e personagens reais encontramos personagens fictícias, além de lutas e situações que não ocorreram. Não obstante, estas semelhanças e diferenças se convergem em uma homologia funcional: *Los de abajo* ocupa

¹⁴ Para Luiz Costa Lima a mimesis não se confunde com a ficção – que não se restringe à literatura - ou a história, mas pode – e deve – operar de maneira conjunta com elas. Uma exibição detalhada da teoria de Luiz Costa Lima ocuparia um espaço considerável de nosso texto, além de correremos o risco de desviar de nosso tema. Aqui me apropriei do que em sua teoria pode dialogar melhor com nosso objeto de análise – as obras de Mariano Azuela – sem comprometer o espaço do texto.

na literatura o lugar da Revolução Mexicana em seu contexto histórico. As imagens evocadas pelo romance muito tem a ver com aquelas encontradas na luta revolucionária – mortes, fuzilamentos, banditismo, bravura. A obra de Azuela é um *como se fosse* a própria Revolução. É isso que fez com que os estridentistas apontassem Azuela como o escritor que representasse a Revolução, e na década de 1920 a ideologia revolucionária propagada pelo Estado se apropriasse de *Los de abajo* como uma obra importante em sua propaganda ideológica.

Podemos inferir que *a priori* o discurso poético é descentralizado, suas intenções não se apresentam de forma explícita, e não é capaz de instaurar qualquer tipo poder. Diferentemente da técnica, pelo discurso poético - e as artes em geral - não se pode tomar posse de nada material ou espiritual. Em seus aspectos essenciais ele difere bastante do discurso político, caracterizado pelo discurso do poder. Mas nada impede que uma obra literária possa ser apropriada por um discurso político de forma a legitimá-lo, assim como para proporcionar um novo sentido à conquistas materiais ou políticas. Tal foi o caso de *Los de abajo*.

Também podemos inferir que a obra de Azuela está fortemente vinculada aos valores, usos e costumes de sua época. Isso é demonstrado não só na estória contada, mas na forma como ela é contada, pensando em quem a escreveu. Cabe também dizer que tais valores são fortemente colocados em questão pelo escritor mexicano. *Los de abajo* mostra esses valores – bravura, coragem, e mesmo a má fé dos falsos revolucionários -, os usos e costumes – vestimentas, hábitos populares, a política caciquista, o banditismo, a violência – encontrados na Revolução, de forma crítica, de maneira a proporcionar uma séria reflexão em torno do processo revolucionário. Não podemos esquecer que o próprio autor está imerso nos valores de sua época, como nos atesta sua visão política liberal, facilmente percebida na forma como Azuela apresenta seus personagens e suas ações.

Segundo Sampaio Barbosa, a incompreensão de Azuela frente a estas práticas populares revela um caráter de classe: como um pequeno-burguês o escritor não teria entendido plenamente os valores dessas camadas populares (BARBOSA, 1996: 52). Mas, se Azuela não entendeu as práticas e os costumes populares, não deixou de descrevê-los de forma muito cuidadosa e precisa. Entre as diversas imagens apresentadas por Azuela, podemos observar aspectos de vestimentas, comidas e linguagem das camadas populares mexicanas.

É devido a estas e às demais imagens que o livro evoca (como os já mencionados fuzilamentos e as inúmeras mortes), que o romance de Azuela foi cooptado pelo Estado, se

tornando mais um símbolo desta nova “cultura revolucionária”, que também compreendia pinturas (como as produzidas pelos muralistas), canções populares (como os *corridos*, que também evocavam imagens de morte, fuzilamento e valentia) e imagens fotográficas (como as realizadas pela família Casasola).

Mas se este contexto político dos anos 1920 revela uma classe dominante que se apropriou e se utilizou da obra de Azuela para a criação de uma cultura que legitimasse seu poder, também permitiu a Mariano Azuela continuar sua função crítica. O presidente Calles foi alvo de muitas críticas do escritor, o que influenciou na data de publicação de algumas obras. As mais importantes de Azuela neste período foram: *La luciérnaga*, que abordava o problema do sufrágio efetivo, *El camarada Pantoja*, crítica à política trabalhista de Calles, e *San Gabriel de Valdivías*, que criticava o sistema agrário do mesmo presidente. Estes romances, mesmo apresentando temas diversos, manifestam a mesma intenção de atacar o presidente Calles (DESSAU, 1973: 274-289). A crítica exercida por Azuela em sua literatura permaneceu até o fim de sua vida, como demonstra sua novela póstuma *La maldición* (AZUELA, 1955)¹⁵. Nesta novela o escritor ataca fortemente o PNR e a burocracia mexicana (GOMES, 2010).

A situação de Mariano Azuela como escritor é parecida com a de muitos outros escritores latino-americanos do início do século XX. Apesar do evidente sucesso após o final da década de 1920, o escritor passou por muitas dificuldades financeiras no início de sua carreira. Assim como diversos outros autores de sua época, não podia se dedicar exclusivamente à literatura e obtinha recursos exercendo a profissão de médico. Pertencia à classe média e tinha um modo de vida coerente com sua condição social, sem levar uma vida miserável, mas sem sustentar grandes luxos. Não se identificava com os grandes latifundiários, mas também não buscava uma mudança intensamente brusca nas estruturas fundiárias do país.

Se pensarmos a partir das idéias suscitadas por Berman, já mencionadas, podemos concluir que *Los de abajo* é um exemplo do riquíssimo modernismo latino-americano, e que sua criação e desenvolvimento estão intrinsecamente ligados ao processo de modernização observado no México e os fatos que levaram à Revolução Mexicana, material essencial para a construção do romance.

O olhar atento deste escritor nos revela aspectos interessantes para pensarmos no que tinha de contraditório dentro da própria Revolução. Ao escrever *Los de abajo* em 1915, Azuela indicava não só as rupturas deste momento, mas também suas permanências,

¹⁵ Mariano Azuela faleceu em 1952, mas teve duas obras publicadas após sua morte: *La maldición* e *Esa sangre*.

principalmente no que toca à questão política: os homens poderosos continuariam no poder, exercendo-o através de uma prática personalista que já se encontrava no interior dos bandos revolucionários. Embora o país avançasse em diversas questões sociais e políticas, muito do poder de decisão permaneceu nas mãos de um governo fortemente concentrado no poder Executivo, que não hesitou em usar da coerção para estabelecer a ordem.

Azuela permaneceria defendendo os ideais revolucionários, usando-os como crítica para o desenrolar dos processos político-sociais que presenciou, como o crescimento de uma burocracia corrupta e um governo que se constituiu através de um forte autoritarismo. Acreditamos que olhar para a obra de Azuela é estar atento para os problemas vivenciados pelos mexicanos na primeira metade do século XX¹⁶, além de nos apresentar muitas contradições que se encontravam na política mexicana.

Como leitores críticos devemos ficar atentos para a subjetividade ali presente, mas que de forma alguma deixa de indicar questões presentes em sua época. Apesar de todas as características negativas da política mexicana criticadas por Azuela, devemos nos atentar para aquilo que Foucault (FOUCAULT, 2007) coloca: o poder também apresenta aspectos positivos. Este é o ponto pelo qual podemos pensar a ocupação do poder Executivo por homens como Obregón e Calles, e também a longa permanência do PRI no poder. Ao longo destes anos algumas demandas foram parcialmente atendidas – como é o caso da reforma agrária e das leis trabalhistas -, melhorias sociais conquistadas – como a reforma educacional de Vasconcelos, que embora não tenha alcançado os fins messiânicos almejados pelo filósofo não deve ser deixada de lado – e a arte incentivada – o muralismo é o melhor exemplo. É importante notar que nem tudo se deu através da coerção e muitos artistas e intelectuais foram contagiados pela atmosfera de otimismo presente no México pós-revolucionário.

Voltando ao ponto inicial de nosso texto, refletir sobre a obra de Azuela nos leva a pensar além do que deu de errado nos últimos anos na política mexicana, expondo-nos o que tinha de contraditório nela desde os anos iniciais da Revolução. Estas contradições permaneceriam e se ampliariam ao longo do século XX, mostrando um governo cada vez mais autoritário – como bem nos serve de exemplo o massacre de estudantes na Plaza de

¹⁶ O escritor faleceu em 1952. Azuela ao longo de toda sua vida escreveu diversas obras literárias, nas quais criticava fortemente o governo mexicano. Uma obra póstuma, *La maldición*, é uma de suas críticas mais contundentes à burocracia mexicana.

las Três Culturas em Tlatelolco no ano de 1968¹⁷ -, incapaz de se sustentar devido ao seu próprio peso.

Não é nossa intenção minimizar os problemas causados pela política neoliberal do atual Estado mexicano, mas atentar para o fato de que a Revolução Mexicana e suas conseqüências devem ser analisadas de maneira crítica, tomando cuidado para não estabelecer uma narrativa deturpada e romântica do período.

Ao se passar cem anos do início dos levantes revolucionários, parece ser uma alternativa válida se apropriar da obra e vida de Mariano Azuela, como uma forma de repensar criticamente a Revolução e suas conseqüências a partir de seus ideais, resgatando o que ela tinha de positiva, mas também não esquecendo o seu lado mais sombrio e negativo. A literatura de Azuela nos indica os caminhos que não deveriam ser escolhidos, decisões que não deviam ser tomadas. Azuela criticou os descaminhos da Revolução, mas só pode fazer isso tendo como guia os próprios ideais revolucionários. Apesar da visão proposta pelo escritor se limitar a um viés liberal, seu humanismo não deixa de nos indicar a possibilidade de um país melhor, de uma política mais coerente. Talvez resgatar um pouco de seus ideais possa trazer algo de positivo para um país que agora se entrega amplamente à uma economia de mercado claramente excludente, ancorada em uma forte dependência à seu vizinho do norte: os Estados Unidos.

Em relação à pergunta que colocamos no início de nosso texto - o que ficou da Revolução Mexicana? – a resposta mais clara parece ser seu próprio simbolismo, aquilo que desde o governo pós-revolucionário dos anos 1920 foi criado e mantido como uma forma de legitimar o poder instaurado, mas que não se limitou à ele, sendo apropriado pelos mais diversos setores da sociedade. Isto pode ser observado, atualmente, através de um rápido acesso ao site do PRI – quando notamos que ainda hoje o partido busca se legitimar a partir dos valores da Revolução Mexicana -, quando percebemos uma tentativa oficial de conectar a história do partido à história da Revolução de maneira linear - como se qualquer ruptura não houvesse ocorrido ao longo do século que se passou -, ou mesmo quando nos atentamos para o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN)¹⁸, que como o próprio

¹⁷ Os estudantes ocuparam a Plaza de Las Tres Culturas reivindicando uma política mais democrática. O governo respondeu de maneira intensamente violenta, matando cerca de 200 a 300 pessoas. O massacre ocorreu no dia 2 de outubro, data próxima ao início dos Jogos Olímpicos de 1968, realizados no México entre os dias 12 e 27 de outubro. As fontes governamentais apontaram apenas 4 mortos e 20 feridos.

¹⁸ O EZLN ocupa a região de Chiapas no sul do México, e se levantou oficialmente em armas em 1º de janeiro de 1994, reivindicando os direitos indígenas – como a questão das terras, novamente em foco – e se afirmando em oposição ao regime neoliberal, que começava a ganhar força no México. O movimento zapatista vem propagando seus ideais e sua luta através da internet, o que permitiu um importante apoio ao movimento não só local, mas mundial.

nome indica, busca nos ideais de Zapata inspiração para sua luta camponesa, que vai desde os direitos à propriedade e cultura indígenas, até a oposição à ordem neoliberal vigente.

Referências Bibliográficas

AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori e ARANTES, Paulo Eduardo. *Um ponto cego no projeto moderno de Jurgen Habermas: arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas e duas conferências de Jurgen Habermas*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ARCINIEGA, Victor Díaz. *Querrela por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

AZUELA, Mariano. *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002.

AZUELA, Mariano. *Los de Abajo*. Edición Crítica. Colección Archivos, RUFFINELLI, Jorge (coord.). Ed. ALLCA/UFRJ, 1996.

AZUELA, Mariano. *La maldición*. México, D.F. Fondo de Cultura Económica, 1955.

AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960.

BAGGIO, Kátia Gerab. *Reflexões sobre o nacionalismo em perspectiva comparada: as imagens da nação no México, Cuba e Porto Rico*. *Varia Historia*. Vol.28 Belo Horizonte, UFMG, 2002, p.39-54.

BARBOSA, Carlos A. Sampaio. *A fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1900-1940)*, São Paulo, Unesp, 2006.

BARBOSA, Carlos Alberto S., *Morte e vida da Revolução Mexicana: Los de Abajo de Mariano Azuela*. Dissertação de Mestrado, PUC, SP, 1996.

BARBOSA, Carlos A. S. Disputa por uma cultura revolucionária. *Pós-História*, v. 12, 2004, p.71-85.

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. A aventura na modernidade. São Paulo: Companhia de bolso, 2007.

AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.

CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*. 16^a reimpresión, México: Era, 1991.

CRESPO, Regina Aída. *Messianismos culturais*: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a Nação. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

CUMBERLAND, Charles C. *Madero y la revolucion mexicana*. Mexico: Siglo Veintiuno, 1977.

DESSAU, Adalbert. *La novela de la Revolución Mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.

FURET, François. *A revolução em debate*. Bauru, SP: EDUCS, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Warley A. A Revolução Mexicana na literatura: As representações literárias de Mariano Azuela. In: *História e-história*.
<http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=259>. Acesso em: 18/02/2010.

LIMA, Luiz Costa. *História, ficção e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MONTFORT, Ricardo Pérez. Indigenismo, hispanismo y panamericanismo em la cultura popular mexicana de 1920 a 1940. In: BLANCARTE, Roberto (comp.). *Cultura e identidad nacional*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994, p.343-383.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Contexto/ANPUH, vol. 15, nº 29, 1995, p.9-27.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PRATT, Mary Louise. Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante? In: *Literatura e História*. Perspectivas e convergências. São Paulo: EDUSC, 1999, p.17-54.

RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994. vol.1 e 3.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2007.

ROUQUIÉ, Alain. *O Extremo-Occidente: introdução à América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1992.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1970.

WEBER, Max. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: *Os economistas: Max Weber*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

LITERATURA E POLÍTICA NA REVOLUÇÃO MEXICANA: a visão crítica de Mariano Azuela – por Warley Alves
Gomes

ZANETTI, Susana. Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916). In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Ed. Unicamp, 1994, vol 2, p.489-534.

Recebido em: 05/04/2010

Aprovado em: 14/04/2010